

# **Ao ocupar Universidades, encontramos Paulo Freire: textualizações da pedagogia freireana na insurgência estudantil de 2016 no Ceará**

## **By occupying Universities, we find Paulo Freire: textualizations of Freire's pedagogy in the 2016 student insurgency in Ceará**

Daniel Paiva de Macêdo Júnior

*Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador no Grupo de Pesquisa Mídia, Política e Cultura vinculado ao PPGCom da Universidade Federal do Ceará. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: daniel.3macedo@gmail.com*

Márcia Vidal Nunes

*Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora titular aposentada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia, Política e Cultura. Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, Ceará, Brasil. Email: marciavn@hotmail.com*

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Estadual do Ceará e integrante do corpo docente do Mestrado Acadêmico Intercampus em Educação da UECE Universidade Estadual do Ceará – Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil. Email: sandra.gadelha@uece.br*

### **Resumo**

*Era 2016 e Temer, além de presidente, era verbo nos espaços de poder. As ocupações universitárias ocorridas em resposta à agenda política que arregimentou o novo governo, demarcaram horizontes em defesa da educação pública e se constituíram como um importante entrenchement para expor divergências e ampliar o debate público. Ao participarmos das mobilizações radicadas no Ceará e ao nos somarmos às lutas, encontrávamos Paulo Freire junto aos estudantes a partir das práticas cotidianas e em discursos políticos por um projeto de educação emancipadora. A luz de nossas vivências em campo enquanto pesquisadores em ação de etnografia militante e considerando as memórias e narrativas produzidas no percurso, estes escritos surgem como exercício de textualização da experiência.*

### **Palavras-Chave**

*Ocupação estudantil, Paulo Freire, Ceará, Universidade, Movimentos sociais.*

### **Abstract**

*It was 2016 and Temer, in addition to being president, was a verb in the spaces of power. The university occupations that took place in response to the political agenda that enlisted the new government, demarcated horizons in defense of public education and constituted an important entrenchment to expose divergences and expand public debate. By participating in the mobilizations rooted in Ceará and by joining the struggles, we found Paulo Freire together with the students based on everyday practices and political speeches for an emancipatory education project. In the light of our experiences in the field as researchers in action in militant ethnography and considering the memories and narratives produced along the way, these writings emerge as an exercise in textualizing the experience.*

### **Keywords**

*Student occupation, Paulo Freire, Ceará, University, Social movements.*

## Introdução

Amanhecia e os atos de resistência desvelavam a noite e ressignificavam o imaginário das pessoas sobre aqueles tempos. Nas ruas e nos campos, seriadas ocupações de espaços públicos e privados nascidos com a aurora firmavam trincheiras em defesa da democracia. Nisto, estabeleceram medidas de insurgência para afirmar que “o ano de 2016 será lembrado em nossa história por um golpe de Estado” como registram Boulos e Guimarães (2016, p. 139).

Em uníssonos à essa resistência, estudantes secundaristas e universitários, de norte a sul do país, foram atores coletivos de notória relevância para constatar os tensionamentos sociais que acaloravam as ruas reivindicando direitos. Ao ocupar escolas e universidades, nesse mesmo ano de 2016, “éramos, portanto, desafiantes dos extremos que se apontavam entre Brasília e a nossa realidade cotidiana nas universidades, nos bairros e, inclusive, nos afetos e nos modos de seguir a vida” (MACÊDO, 2017, p. 10).

Compreender as marcas destes episódios da história brasileira recente, tanto referente às ocupações estudantis, como o cenário de golpe parlamentar em que se inseriam, perpassa em considerar fundamentação teórica que embasa a experiência radicada por estudantes-ocupantes e, assim, redimensionam a conjugação do verbo resistir e o papel social que o setor da educação exerce no cenário pós-golpe - que, aqui, realizamos, sob a égide dos estudos em comunicação.

No Ceará, ao tangenciar experiências no Instituto Federal do Ceará em Iguatu, Crato e Fortaleza; na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza; na Universidade Federal do Cariri, no Crato e em Juazeiro do Norte; na Universidade Regional do Cariri, no Crato e em Juazeiro do Norte; por fim, na Universidade Federal da Integração da Lusofonia Afrobrasileira, em Redenção e em Acarape; temos nas ações de desobediência um radical intencionado em construção de visibilidade de pautas políticas, como propunha Marcuse (1999). Logo, as ocupações constituem-se em intervenção de ruptura com a lógica cotidiana orientada em processos comunicacionais - da qual empreendemos percurso de pesquisa.

Ao considerarmos ‘ocupação’ como uma ação comunicativa, versamos a possibilidade em tomá-la como uma textualidade midiática complexa entranhada em discursos simbólicos e em referências que, em conjunção com leitoras e leitores, podem conjugar compreensões distintas sobre um caso como admite a perspectiva defendida por Leal (2018, p. 20). Essa via, pois, não pretende com este artigo esgotar a compreensão sobre o caso em análise a partir de uma tratativa totalizante e tampouco busca justificar e/ou dissecar os ocorridos que vimos, vivemos e lembramos. Assumimos como leitores - enquanto pesquisadores - e como construtores da textualidade - enquanto militantes - uma vista complexa para compreensão destes episódios. Neste duplo lugar, versamos estes escritos como expressão de textualização da experiência dialogando com Elton Antunes (2018, p. 54).

São com os afetos e com as experiências urgentes que distintos modos de ver e de sentir são possíveis. Em nosso percurso, nos encontramos – por sucessivas vezes – com a presença e com os ensinamentos de Paulo Freire nos espaços sob nova ordem – e em desordem – frente às normativas do Ministério da Educação. Nisto, este artigo se move a refletir com os diálogos e transversalidades existentes entre as experiências ali floreadas e os marcos teóricos da pedagogia freireana. Para isso, revisitamos os registros de campo por nós realizados em etnografia militante (RAMALHO, 2013) - metodologia de pesquisa em campo que admite a integração do pesquisador ao objeto em profunda imersão como prática natural e inevitável dados os atravessamentos da existência social de agentes em meio às espacialidades e temporalidades - nas universidades cearenses ocupadas e bebemos das vivências e das memórias narradas no livro-reportagem ‘Divino Maravilhoso das ocupações universitárias

pós-golpe de 2016' produzido por Macêdo (2017) para compor um conjunto panorâmico que, em face de nossas leituras em Paulo Freire, nos permitam os “gestos” metodológicos ensinados por Antunes (2018, p. 54-55) que consistem em atenção às experiências para identificação das tensões que estimulam modos de apropriação particulares diante da textualidade, por um lado; e de textualização sobre a experiência, por outro - expressos como síntese destes escritos.

Logo, este texto circunscreve leituras da tessitura social a fim de exprimir tensões da conjuntura que entendemos conformarem as bases da experiência de sublevação popular em 2016 em primeiro bloco; e da experiência de ocupações como mobilização nacional, com especial atenção ao caso cearense em segundo bloco. Tais leituras nos permitem textualizar sobre o grato encontro com a teoria freireana na prática estudantil para tomada de poder.

## **Calor das ruas: conjuntura política de 2016**

Discutir sobre 2016 e as ocupações universitárias não se faz de forma autômata. Afinal, não acordamos com instituições ocupadas - frutos de um ato instantâneo. É preciso registrar, desde o início, que análises de conjuntura não devem ser realizadas considerando os momentos e períodos como uma erupção em si mesmos, descolados do ciclo histórico e dos agentes. Esta é uma premissa fundamental, ao estabelecer o ponto de partida para compreender e debruçar-se sobre o contexto de efervescência política brasileira que ocasiona sublevações estudantis.

Tomamos, aqui, o ano de 2015 como marco referencial para este trabalho por considerarmos este um momento crucial e de pico alto no acirramento das posições e atos políticos – sejam de estudantes, seja do Governo Federal. A decisão é tomada com base no apurado em nosso circuito de pesquisa, com maior profundidade na discussão sobre o cenário conjuntural e a relação do governo no tocante às pautas sobre financiamento da educação.

Em 2015, foi aplicada – de forma mais veemente que nos anos anteriores – uma série de reduções aos financiamentos na educação pública, com ênfase na graduação e pós-graduação. Anunciada em maio, a política de ajustes fiscais aplicava cortes de R\$ 98 bilhões em áreas sociais e refletia a linha de frente do governo que, no mesmo período, investia R\$ 188bi no agronegócio sob forte denúncia estudantil<sup>1</sup>.

Em paralelo à medida<sup>2</sup>, professores, estudantes e servidores inauguraram em maio de 2015, ação grevista nacional articulada entre os três setores que seguiu por cinco meses, expondo o cenário da educação em mais de 50 instituições públicas de ensino superior.

Neste período, em julho, tivemos subtração de 75% no repasse ao Programa de Apoio à Pós-Graduação - PROAP<sup>3</sup>. A medida causou danos irreparáveis e, ainda naquele mês, a Universidade Federal da Bahia - UFBA<sup>4</sup> suspendeu as atividades da pós-graduação por admitir não ter condições financeiras para manter os programas em funcionamento com apenas um-quarto dos recursos previstos. Da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA<sup>5</sup>, no Rio Grande do Norte; à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS<sup>6</sup>,

---

<sup>1</sup> - Em matéria, o portal G1 aponta o aumento do orçamento para o Agronegócio em comparação ao destinado em safras de anos anteriores. Disponível em: [glo.bo/3g0BE7A](http://glo.bo/3g0BE7A)

<sup>2</sup> - A greve foi iniciada nacionalmente em 28 de maio de 2015, articulada pelos setores de representação.

<sup>3</sup> - Em nota, a Associação Nacional de Pós-Graduandos manifestou-se contra os cortes. Disponível em: [bit.ly/3ggXIz](http://bit.ly/3ggXIz)

<sup>4</sup> - Nota pública da UFBA sobre o cancelamento das atividades da Pós-Graduação. Disponível em: [goo.gl/9AUcGQ](http://goo.gl/9AUcGQ)

<sup>5</sup> - Moção de Repúdio do Conselho Universitário da UFRSA contra os cortes. Disponível em: [goo.gl/r8TiFY](http://goo.gl/r8TiFY)

<sup>6</sup> - Nota do Conselho Universitário da UFRGS critica corte de verbas. Disponível em: [goo.gl/fQhoXB](http://goo.gl/fQhoXB)

no Rio Grande do Sul, pareceres técnicos das instituições foram expedidos no sentido de atestar a incapacidade de manutenção das atividades com o orçamento insuficiente.

Em outubro de 2015, a Câmara Federal aprovou – por ampla maioria – a Proposta de Emenda Constitucional - PEC nº395/14, que estabelece a cobrança de mensalidades em pós-graduações lato-sensu e mestrados profissionais. Neste mês, Brasília acolheu estudantes de todo o país em caravana capitaneada pela União Nacional dos Estudantes - UNE contra a política de arrocho fiscal e, após a dispersão, viu-se resistência estudantil com ocupações de Reitoria em Universidades Federais no Rio de Janeiro (UFRJ), no Ceará (UFC), em Minas Gerais (UFOP e UFJF), no Paraná (UFPR), no Amazonas (UFAM), no Espírito Santo (UFES), em Alagoas (UFAL), em Santa Catarina (UFSC) e no Rio Grande do Sul (UFPEL, UFRGS e UFSM)<sup>7</sup>.

Ainda que sob a alcunha de ‘Pátria Educadora’, slogan da gestão de Dilma Rousseff (PT) no Governo Federal, a precarização sistemática e o escanteio da educação como aporte basilar para soberania do país anunciavam muito sobre a afirmação de prioridades políticas. Apesar de eleito principalmente pelos setores de esquerda e centro, o governo de Dilma – assim como as gestões de Lula – traz consigo a política de coalizão de classes. Demarcação que insta da composição de chapa com Michel Temer (PMDB)<sup>8</sup> até a concessão de elementos estruturantes do projeto político petista – da campanha eleitoral em nome da governabilidade, a exemplo das questões sobre educação até aqui apresentadas. Não tardou para que a situação fosse agravada através de um golpe, pois

[...] para eles, mesmo o ajuste fiscal de Dilma, suas sinalizações quanto às reformas da previdência e fiscal, seu recuo no projeto do Pré-Sal e a Lei Antiterrorismo, entre outras medidas retrógradas encampadas por seu governo, tornaram-se insuficientes. Querem mais, muito mais. Querem aplicar um programa que o governo Dilma não teria condições de fazer (BOULOS, GUIMARÃES, 2016, p. 139)

A ruptura democrática deu-se através da política de gabinetes e instaurou-se no Parlamento. Trata-se do que Ivana Bentes (2016, p. 108) considera um golpe “jurídico-midiático” por referendar estes dois elementos como expressão metodológica do processo. Tivemos sujeitos “profundamente envolvidos em casos de corrupção [que] instituíram um processo de deposição contra a presidenta pretextando irregularidades contábeis, ‘pedaladas fiscais’”, explica Löwy (2016, p. 64) ao referenciar o papel da Bancada do Boi, da Bala e da Bíblia<sup>10</sup> – de caráter conservadora e privatista – no estabelecimento do Golpe.

A ideia expressa por Rovai (2016, p. 11) de que “o golpe não é, o golpe vai sendo” aponta o caráter de aprofundamento cíclico que o novo sistema radica, ao transicionar processos democráticos aos métodos da nova ordem. Temer não demorou, por exemplo, para angariar a Proposta de Emenda Constitucional nº 55/16 que previa o estabelecimento de um teto para a ordem do empenho orçamentário definido pela taxa de inflação do ano anterior. Em outras palavras, criava o congelamento dos investimentos públicos com teto de acréscimo não limitado ao índice de inflação do ano anterior. Essa medida traz um encolhimento orçamentário e, por exemplo, a rubrica para educação pode ficar abaixo do que era

<sup>7</sup> - Este mapeamento de experiências é realizado pela Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social, disponível em: [goo.gl/ye4LVH](http://goo.gl/ye4LVH)

<sup>8</sup> - Em 2018, o agrupamento retirou o termo partido e passou a chamar-se de Movimento Democrático Brasileiro

<sup>9</sup> - Pedaladas fiscais são operações orçamentárias realizadas pelo Tesouro Nacional, imprevistas na legislação e caracterizadas pelo atraso no repasse de verba para bancos públicos e privados com a intenção de aliviar a situação fiscal do governo em um período.

<sup>10</sup> - Bancada do Boi, da Bala e da Bíblia diz respeito à coalizão política entre os setores do agronegócio, da indústria da violência praticada por milícias e por militares e do pensamento neopentecostal em intervenção unificada no Parlamento Brasileiro.

constitucionalmente exigido.

Outra medida central da agenda política, ainda referente à Educação, foi a retomada das discussões do ‘Programa Escola sem Partido’ através do Projeto de Lei nº 867 de 2015, que pretendia cercear reflexões políticas e conteúdos considerados “ideológicos” na docência, incluindo o mecanismo entre as diretrizes e bases da educação nacional. Como avalia a Sandra Carvalho et al (2020, p. 572) a iniciativa constitui-se como expressão de um processo de alienação na prática pedagógica, atingindo docentes e discentes, numa conjuntura de avanço do projeto político de setores conservadores.

Ao reunir discursos que vetam a participação política e olhares críticos sobre os objetos de estudo das ciências humanas, prioritariamente; o referido projeto é uma das iniciativas que permeiam censura dado o caráter descentralizado com a existência de projetos de lei em municípios e em estados com igual teor. Não por menos, a lógica reverbera, ainda, em marcos regulatórios nas instituições de ensino. No Ceará, destaca-se o exemplo da UFC, onde,

[...] aliada à formulação do PL Escola Sem Partido, a censura se fez palpável com o codinome Portaria 3131. Assinada em 18 de agosto de 2016 pela Reitoria, sem debate com a comunidade acadêmica, a medida proibia a colagem de cartazes nos espaços da Universidade antes de passarem por avaliação da administração superior; cobrava pelo uso de turnos nos auditórios, com quantia equivalente a R\$ 5,00 por poltrona do espaço a ser utilizado por estudantes, e impedia a realização de atividades de caráter político nos espaços de competência da UFC. Um nítido cerceamento dos direitos à liberdade de expressão e exercício político na Academia (MACÊDO, 2017, p. 21)

O trato violento e a criminalização dos movimentos sociais conquistam espaço e legitimidade nestes períodos como parte do processo de violação das liberdades democráticas; porque, com o golpe, “ganhou força o tipo de gente que defende a recepção à bala para o MST, o Choque<sup>11</sup> cotidianamente nas ocupações urbanas do MTST, a extinção da CUT, a abertura da CPI da UNE” (BOULOS, GUIMARÃES, 2016, p. 141). A escalada antidemocrática que se deu no Brasil acontecia em paralelo a um cenário mundial de avanço do autoritarismo e das ideias fascistas, como apontam Sandra Carvalho et al (2020, p. 583) ao destacarem tanto os golpes contra democracias e derrocadas de presidentes progressistas na América Latina, quanto a ampliação da bancada de grupos neonazistas nos Parlamentos Europeus e ainda com ataques à educação crítica. Nestes casos, a expressão da força contra divergentes tem sido a tônica política, pois vale lembrar que o Estado possui autorização para aplacar as resistências à agenda ultraliberal em face a tempos que conformam uma nova dinâmica de perseguição a movimentos contra hegemônicos.

Com a ascensão de símbolos de polarização política já em 2016, discursos de propagação de ódio encarnados nas práticas de violência passaram a ser comuns na cena do debate público vide exemplos de ataques protofascistas ao Centros Acadêmicos de todo o país, a exemplo da UFRGS e da UFC na mesma semana com colagens de cartazes e idênticos contendo símbolos associados ao nazismo; nas agressões com choques elétricos e ataques LGBTfobicos na UnB ou na colagem de lambes com dizeres machistas e racistas contendo agressões a professoras<sup>12</sup>. Sem esquecer, por fim, do assassinato do estudante Diego Vieira Machado<sup>13</sup> no início de julho, no Rio de Janeiro.

---

<sup>11</sup> - “Constituído de uma tropa especializada, tem características de pronto emprego, com policiais treinados para atuar em situações específicas, preventiva ou repressivamente”, segundo definição da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná.

<sup>12</sup> - O trabalho “Os muitos preconceitos do Golpe” de Lola Aronovich (2016) elenca de forma detalhada uma série mapeada de intervenções violentas em Universidades com caráter proto-fascista.

<sup>13</sup> - Diego Vieira Machado era um jovem negro, bissexual, paraense e estudava na Escola de Belas Artes da

É em meio a esse cenário político regressivo que as ocupações urgem como forma de visibilizar pressão e demandas, forçando diálogo com os governos em suas várias instâncias. A ocupação nas instituições de ensino em 2016, constituem uma expressão de resistência, como abordado no próximo item.

## Ocupa e Resiste

A compreensão de que “todos os outros canais de expressão estão fechados para nós pelo poder do dinheiro [e que] não temos outra opção a não ser ocupar [...] nossas cidades até que nossas opiniões sejam ouvidas e nossas necessidades atendidas) professada por Harvey (2012, p. 61) é marca expressa nas experiências de insurgência popular características das últimas décadas, como na Revolta dos Pinguins no Chile<sup>14</sup>, em 2006; na tomada das vias públicas em Occupy Wall Street<sup>15</sup>, em 2011 na cidade de Nova York; nas Jornadas de Junho<sup>16</sup> de 2013 nas cidades-sede da Copa do Mundo no Brasil; assim como na onda de ocupações secundaristas<sup>17</sup> e universitárias<sup>18</sup> de 2015 no Brasil. Em que pesem as particularidades contextuais de cada movimento, estas experiências de insurgência civil reúnem ensinamentos catalisadores para que os movimentos populares, em unidade no Brasil de 2016, ousassem lançar a máxima: Ocupa Tudo! em palavra de ordem para, como diria Žižek (2012, p. 23) ao pensar sobre o imaginário de sublevações populares: liberar “um ato histórico, provocando o mestre, minando sua autoridade”.

Já “não se discute que as ruas têm sido o palco central da luta popular contra o golpe na democracia brasileira”, afirma Bia Barbosa (2016, p. 35) ao referendar a capilaridade social e as tônicas das mobilizações, tendo em vista também o envolvimento com a mudança e o fechamento das instituições às pressões externas; na mesma medida, o processo cíclico de ocupações como tática central para visibilidade nacional e internacional das pautas elencadas refletia-se como eco de resistência e negação ao governo de Temer. Constatamos que

Em movimento nacional e frenético, nasce uma onda de ocupações territoriais de escolas, ministérios, departamentos públicos, latifúndios, terrenos urbanos e, claro, Universidades que tomou expressividade na negação da agenda neoliberal que nos endereçavam de Brasília; tal qual

---

UFRJ através das políticas de cotas. Em 2 de julho de 2016, foi encontrado assassinado com sinais de espancamento e sem calças nas imediações do alojamento universitário da Ilha do Fundão. As investigações apontam que Diego vinha recebendo ameaças de seguidores de Bolsonaro.

<sup>14</sup> - Eclodido em 2006 a partir da construção de greve estudantil, “tomaram as escolas, organizaram assembleias e saíram em passeatas, gritando palavras de ordem que sintetizavam um discurso político há muito tempo ausente do cenário estudantil chileno” (ZIBAS, 2008, p. 199). Por isso, é tida como o maior ciclo de manifestações estudantis pós-ditadura no Chile.

<sup>15</sup> - Foi um movimento de protesto iniciado 17 de setembro de 2011 no Zuccotti Park contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Em Harvey (2012) temos apontamentos interessantes sobre a experiência.

<sup>16</sup> - Ondas de manifestações de rua com ampla participação popular sobretudo nas cidades-sede da Copa do Mundo. Iniciadas com a discussão em torno do aumento das passagens de ônibus protagonizadas pelo Movimento Passe Livre – MPL; ampliaram-se a uma crítica geral e difusa sobre a situação social e gestão do país. Organizado por Plínio Sampaio Jr e publicado pelo Instituto Caio Prado em 2014, o processo é discutido sob óticas multidisciplinares no livro ‘Jornadas de Junho – A revolta popular em debate’.

<sup>17</sup> - Série de ocupações escolares iniciadas em São Paulo contra o fechamento de escolas e reorganização curricular. Espalhou-se pelo Brasil discutindo questões locais com ocupações no Rio de Janeiro, Ceará, Goiás e outros estados. No caso cearense, é válido tomar nota do relatório ‘Ocupações de Escolas Públicas no Grande Bom Jardim’ sistematizado por Daniel Macêdo et al (2018) e publicado pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente - Cedeca Ceará. Disponível em: [bit.ly/35f5r6t](http://bit.ly/35f5r6t)

<sup>18</sup> - Ciclo de ocupações de reitorias de Universidades Federais em protesto aos cortes de investimentos e ajuste fiscal nas áreas sociais anunciadas pelo Governo Dilma Roussef em 2015.

propunham uma nova forma de lidar com tais espaços e reconstruir a cidadania que fora abalada com o golpe (MACÊD, 2017, p. 25)

De norte a sul do país, universitários compuseram este capítulo da narrativa sob forte inspiração da retomada da Primavera Secundarista por adolescentes paranaenses<sup>19</sup>, levantando bandeiras por ‘Fora Temer’ e ‘em defesa da democracia’, questionando o caráter da PEC 55/16 e criticando o conteúdo da PLS Escola sem Partido. A primeira experiência de ocupação universitária com estas marcas surge na Universidade Estadual do Oeste do Paraná e, rapidamente, alcançou campus de todo o país como aponta mapeamento da União Nacional de Estudantes (2016a; 2016b) que, em conjunto, registrava 130 unidades acadêmicas ocupadas em 24 de outubro e, com menos de um mês em 14 de novembro, já se somavam 221 Universidades à rede de mobilizações.

Da experiência em ação etnográfica e militante nas ocupações, ocorrida no desenrolar da pesquisa, notávamos nos estudantes-ocupantes o mesmo que, nas palavras de Dupech d’Espezel citadas por Walter Benjamin (2007, p. 55) sobre os jovens da Comuna de Paris: o sentimento de que “um punhado de jovens atrás de uma barricada era capaz de impedir o avanço de um regime inteiro”. A construção-pesquisa nos ensina, assim como afere Marcuse (1999, p. 23), ao observar as ocupações alemãs de 1969 que “a ocupação de prédios e a interrupção de aulas são atos legítimos de protesto político” como marcos de intervenção na conjuntura – na medida em que amplia este mecanismo como maneira para inserir caracteres na disputa simbólica, no campo das linguagens e do imaginário.

Esses atos coletivos requeriam o diálogo como possibilidade de entendimento entre os jovens ocupantes. Eram em si atos comunicativos. Como Paulo Freire (1993, p. 45) analisa, “o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo”. De forma criativa, emancipadora e crítica o ato comunicativo-dialógico-político se estendia em redes estaduais e nacionais. Pudemos conferir que existia unidade entre as ocupações cearenses nas bandeiras políticas e na afirmação de vinculação ao movimento nacional, ao qual se ligavam por coletivos ou, em relação aos setores mais difusos, por plataformas digitais de redes sociais. Estes elementos presentes no conteúdo, bem como a ratificação de sistemáticas democráticas para tomada de decisão a partir de assembleias estudantis e o norteamento de uma nova cultura política como base do processo de desobediência civil são marcas comuns que identificamos ao investigarmos o caso cearense. Não nos espanta a presença desses elementos pois

[...] ocupar sempre está na ordem das ações para aquelas que historicamente tiveram a presença negada na Universidade: estudantes mulheres, mães, LGBTs, Negras e Negros, das periferias e dos sertões transmitindo – a partir de seus discursos e práticas coletivas – um grito de autoafirmação. Ao ocuparem as salas de aula, os espaços públicos e exercerem cidadania, estes perfis demarcam sua existência no mundo e reafirmam: democratizar o acesso aos direitos, ainda que estabelecendo o contraditório. (MACÊDO, 2017, p.9)

O estabelecimento do contraditório pela presença de perfis que destoam das composições historicamente hegemônicas nos espaços universitários estabelece, assim, marcas de ocupação simbólica anterior à insurgência estudantil. Com ela, funda marcas de reivindicação e de construção por uma educação popular como leitura da “palavramundo” ensinada por Freire (2010; 2011), cuja leitura implica e requer a dialogicidade e aponta para uma “pedagogia da autonomia” como nortes para reembaroar o fazer universitário.

---

<sup>19</sup> - Foram mais de 1000 escolas de ensino médio ocupadas em 2016. O momento é registrado pelas entidades de representação estudantil a exemplo de UNE (2016b) como a maior experiência de ocupação coletiva e descentralizada já existente.

## Encontramos Paulo Freire nas ocupações universitárias no Ceará

No Ceará, em 2016, a trajetória das ocupações nasce sertaneja. Do sertão, no interior do Estado, se espria. Estudantes paralisaram as atividades acadêmicas no Campus Cajazeiras do Instituto Federal do Ceará - IFCE na cidade de Iguatu, região Centro-Sul do Estado, em 21 de outubro; seguiram à cidade de Crato, na região do Cariri, onde universitários ocuparam a Reitoria da Universidade Regional do Cariri - URCA, em 25 de outubro<sup>20</sup>.

Emergiu à Fortaleza, capital, fincando raízes no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, em 01 de novembro e, junto à deflagração de greve estudantil geral em assembleia histórica<sup>21</sup> no dia 03 de novembro, deu-se pontapé na ampliação de ocupações.

A Greve Estudantil impulsionou a tomada de ocupações em 34 cursos de graduação em todos os campi na capital. Em 04 de novembro, no Cariri - região no extremo sul do estado - a ocupação do Campus Pirajá da URCA deflagrou com maior intensidade a movimentação na região. A Universidade Federal do Cariri - UFCA também aderiu, ocupando o Campus Crato em 05 de novembro; e o Campus Juazeiro do Norte no dia 09 de novembro. No mesmo dia, em Fortaleza, estudantes de Artes Visuais ocuparam o Campus Aldeota do IFCE. Em 16 de novembro, foi a vez da Universidade Federal da Integração da Lusofonia Afrobrasileira - UNILAB, no Campus da Liberdade, em Redenção, na região do Maciço de Baturité, do Campus Crato do IFCE. Em 22 de novembro, o Campus dos Palmares da UNILAB, em Acarape, aderiu à sequência.

Figura 1 – Mapeamento de ocupações e greves estudantis no Ceará



Fonte: Macêdo (2017)

<sup>20</sup> - O processo de construção detalhada das ocupações é encontrado no capítulo 3 do livro-reportagem 'Divino Maravilhoso das Ocupações Universitárias pós-golpe de 2016 no Ceará'.

<sup>21</sup> - Foram 1800 estudantes credenciados na Assembleia Estudantil que lotou, o maior auditório ao ar livre, a Concha Acústica da UFC, de estilo teatro de arena. Registro detalhado está disponível no livro-reportagem de Macêdo (2017)

Como abre-alas, as ocupações contaram com participação de estudantes de graduação e pós-graduação que, coletivamente via assembleias por cursos, deliberaram pela medida. A ruptura fazia-se marcada, assim como nas experiências francesas de 1968, pelo informe visual com faixas de que, ali, imperava nova ordem.

Figura 2 – Faixas de identificação em ocupações universitárias no Ceará



Fonte: Macêdo (2017).

Ao somarmos nas ocupações universitárias, os olhares atravessados por leituras em Paulo Freire nos faziam percebê-lo como sujeito frequente nas dinâmicas cotidianas. Por vezes, o víamos como constituinte das ritualísticas e das mecânicas que ali se desenvolviam. Os encontros com o educador pernambucano, registrados em diário de bordo, nos foram gratas surpresas na pesquisa de campo e na leitura das memórias e relatos contidos no livro-reportagem de Macêdo (2017). É justo firmar que esta não era uma das questões que nos norteavam em campo, mas se confirmou um valoroso presente despertado pela experiência e que, de outro modo sem a vivência partilhada em ação militante, não seriam possíveis

estabelecer estas relações que dialogam as aproximações e os distanciamentos entre vividos e tateados com o pensamento freireano.

Estas relações, por sua vez, estão circunscritas neste trabalho a partir de um laborioso exercício metodológico em textualização da experiência proposto por Antunes (2018, p.54-55) em dois gestos: o primeiro que versa sobre a valia de postura interrogativa do pesquisador sobre as afetações e as impressões que brotam da existência e da intervenção em campo; a fim de possibilitar, em sequência, o exercício do segundo que incentiva a sistematização de saberes. Sendo, portanto, o conjunto de palavras e narrativas aqui entrecruzadas a síntese deste processo por nós partilhado.

Paulo Freire (2011, p. 20-21) lá se fazia sentir e ver, como ele mesmo anuncia em suas memórias “os textos, as palavras, as letras daquele contexto se encarnavam”. E assim, dos “en-carnados”, as palavras enunciavam possibilidades outras para a educação e para o país. Elas comunicavam “leituras de mundo” como “palavramundo”!. E ecoavam pelas notícias das mídias, nos cartazes, nas faixas e nas plataformas digitais de redes sociais: circulavam “Palavramundo” de uma consciência crítica, em gestação, buscando pelos diálogos reflexivos e críticos às causas profundas da realidade em que eram gestadas. Sobretudo, buscando transformação via práxis como nos ensina Freire (2004) ao pensar as potências dos saberes antes oprimidos.

Percebemos na argumentação que posiciona a iniciativa de ocupações como ação de ruptura para pautar sobre temas políticos que possuíam pouca visibilidade pelos sujeitos operadores do poder como uma colateral do conceito de ‘diálogo’ proposto por Freire (1993, p. 34) ao versar que se trata, em qualquer hipótese, da “problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la”. A experiência de estudantes desenvolverem uma política de comunicação em plataformas ainda que pouco efetiva para inserção no debate público como confere a pesquisa de Macêdo (2020), remontam os esforços para estabelecer diálogos e tecer pontes. Nota-se que a expressão majoritária de conteúdo produzido são convites à participação na programação e nas rotinas desenvolvidas nas universidades em conjunto a conteúdo informativo sobre as razões políticas que os motivaram a incidência política.

Paralelamente, as ocupações também evidenciaram a potência da fala dos jovens, debatendo sobre contextos, demarcando “lugar no mundo” em termos freireanos (2004) ao repensar o modo de funcionamento das Universidades através das dinâmicas de sociabilidade e de cuidado com o espaço nutridas em convivência constante; ao propor uma nova perspectiva epistemológica aos cursos ao produzir programações em variados formatos para discutir temáticas que não compunham os projetos curriculares e que os estudantes compreendiam com objetos de interesse formativo; Em ambos os casos, estabelecia-se práxis pedagógica como experiência cotidiana em meio às paredes universitárias de modo nunca antes experimentado pois, naquele momento, teciam pedagogia da autonomia nos marcos refletidos por Carvalho e Pio (2017).

Com a aprovação da PEC 55/16 em 13 de dezembro, estudantes encerraram o ciclo de ocupações até o fim daquele mês - com exceção à ocupação da Reitoria da URCA onde a incidência seguiu até o dia 18 de janeiro de 2017 para manutenção das pautas locais. Na Universidade Regional do Cariri, estudantes conquistaram a implementação da política de cotas e esta é apenas uma das vitórias significativas no contexto das pautas locais que configuram legados<sup>22</sup> das experiências cearenses.

---

<sup>22</sup> - As vitórias locais conquistadas por estudantes estão discutidas de modo detalhado no livro-reportagem de Macêdo (2017)

## Considerações finais

Ao encontrar Paulo Freire nas lutas travadas por movimentos sociais, sobretudo articuladas por estudantes, demarcamos educação como uma experiência maior e mais profunda do que as experiências possíveis nos espaços formais. Em mesma via, valoramos o conjunto de saberes que se tece em meio ao cotidiano e às experiências contra hegemônicas como fontes imprescindíveis para compreender os dilemas do mundo em que vivemos e, nisto, produzimos as tecnologias de libertação.

As situações em que os conceitos freireanos surgiram sob mobilização indireta de estudantes-ocupantes, de modo orgânico e resultante da experiência, são fundamentalmente importantes porque revelam a firmeza de conhecimentos que transcendem a experiência da leitura acadêmica e que podem ser versados em espaços não-formais de ensino. Em outras palavras, queremos tomar aqui a natureza do pensamento freireano como um verbo conjugado nas contradições sistêmicas, tomado em pureza por aquelas e aqueles que se movem para romper opressões.

É preciso dizer que os jovens muito aprendem ao construir movimentos sociais ao longo de suas caminhadas no Ceará. É preciso, entretanto, dizer que ao desmontar pretensos distanciamentos e assumirmos a experiência militante como perspectiva de angulação dos paradigmas que movem nossas pesquisas - como temos feito ao estudar ocupações - que encontramos pistas para superar uma economia de conhecimento sobre o outro e construir Universidade popular. Brota uma “Pedagogia da esperança” que, nos versos de Freire (1992), “não esperança de espera, mas uma esperança ativa”, auto formativa, crítica, criativa, emancipadora e transformadora.

## Referências

- ANTUNES, Elton et al. Mídia em trânsito, mídia em transe: textualização, epifania e distanciação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (org). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018.
- BARBOSA, Bia. Comitê Pró-Democracia: Uma trincheira dentro do Parlamento. In: ROVAI, Renato (org). **Golpe 16**. São Paulo: Publisher Brasil, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2007.
- BENTES, Ivana. Ocupa Tudo! Extinção, ressurreição e insurreição da Cultura. In: ROVAI, Renato (org). **Golpe 16**. São Paulo: Publisher Brasil, 2016.
- BOULOS, Guilherme; GUIMARÃES, Vitor. Resistir ao Golpe, reinventar os caminhos da esquerda. In: SINGER, André et al. **Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; PIO, Paulo Martins. A Categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Rev. Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)**. Brasília, v. 98, n. 249, p. 428-445, maio/ago. 2017.
- CARVALHO, Sandra; MENDES, José. Ernandi; COSTA, Elenice; THEMELIS. Spyros. From Alienation to Solidarity: Educational Perspectives and Possibilities in Brazil and the UK. **Beijing International Review of Education**. 2 (2020) p. 571-589. Disponível em : [brill.com/view/journals/bire/2/4/article-p571\\_571.xml](http://brill.com/view/journals/bire/2/4/article-p571_571.xml) Acesso em: 20 de março de 2021.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.**
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HARVEY, David. Os rebeldes na rua: O Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David et al. **Ocuppy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Boitempo, 2012.
- LEAL, Bruno. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha conde investigação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (org). **Textualidades midiáticas.** Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2018.
- LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: O golpe de 2016 no Brasil. In: SINGER, André et al. **Por que gritamos golpe?: Para entender o impeachment e a crise política no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- MACÊDO JÚNIOR, Daniel. 2020. **Das Ruas às Redes: disputa de narrativas e de memória sobre as ocupações universitárias de 2016 no Ceará em tempos de mediação algorítmica.** 2020. 182f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza.
- \_\_\_\_\_. **Divino maravilhoso das ocupações universitárias pós-golpe de 2016 no Ceará.** Fortaleza: Quitanda das Artes, 2017.
- MARCUSE, Hebert. **A grande recusa, hoje.** Petrópolis: Vozes, 1999
- RAMALHO, Ramon Rodrigues. **Contribución a la propuesta de una etnografía militante.** X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2013
- ROVAI, Renato. Um golpe não é, um golpe vai sendo. In: ROVAI, Renato (org). **Golpe 16.** São Paulo: Publisher Brasil, 2016.
- UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES – UNE. Estudantes ocupam 961 escolas e universidades contra retrocessos na educação. Disponível em: <goo.gl/CWrnMx> Publicado em: 14 out 2016a. Acessado em 03 mar 2018.
- \_\_\_\_\_. #OcupaTudo tem mais de 200 universidades ocupadas em todo o Brasil. Disponível em: <goo.gl/S482S9> Publicado em: 14 nov 2016b. Acessado em 03 mar 2018.
- ŽIŽEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, David et al. **Ocuppy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Boitempo, 2012.